

## 5 Conclusão

A apresentação das histórias dessas duas rádios e seus debates internos demonstrou a conexão dessas rádios à dinâmica de Queimados e São João de Meriti, respectivamente. De alguma forma, os projetos de rádio que se constituíram se explicam justamente pela realidade de cada um dos municípios em que se localizavam. As necessidades de cada lugar e a leitura que os fundadores das rádios tinham sobre suas cidades foram fundamentais no momento de definição do caráter das rádios.

A Novos Rumos preocupou-se em ser a “rádio da cidade”, contribuindo para a criação de uma idéia de ser queimadense, no momento em que Queimados constituía-se como um município autônomo. Ela tentou incorporar o ideal de uma rádio comunitária, ou seja, estar aberta a todos, ser plural e estar conectada à realidade da localidade.

Não à toa, abandonou-se a idéia de uma rádio partidária diante das necessidades da cidade, que ultrapassavam a disputa política em si. Era preciso criar espaço para o debate público, para que diferentes setores da sociedade tivessem um canal de comunicação e para que a identidade queimadense fosse construída.

A Onda Livre tinha uma proposta diferente. São João de Meriti já estava emancipada há algum tempo, é densamente povoada e muito próxima fisicamente da cidade do Rio Janeiro, como de sua influência. A rádio se propunha a ser um canal de articulação dos movimentos e associações da cidade e a divulgar uma representação alternativa da realidade de São João de Meriti. Através do trabalho coletivo nas rádios, diferentes grupos da cidade organizaram-se em rede como forma de articular suas ações e reunir esforços.

Essas duas rádios demonstraram ser um espaço de encontro, de articulação e de disputa de diferentes atores das duas cidades, constituindo-se como um palco importante para entendimento da vida local.

Se estamos falando de rádios comunitárias na Baixada Fluminense, região periférica marcada por representações negativas, ganha particular relevância iniciativas que tentem dar ensejo à vida associativa, construir um discurso positivo sobre o lugar, criando novas identidades e questionando a cultura política autoritária dominante.

As rádios comunitárias podem cumprir esse papel ao atuarem como arenas discursivas, em que as demandas comunicativas e de representação de comunidades pobres e marginalizadas podem ser atendidas. É através das rádios que novas identidades são fixadas e encontram seu espaço; a vida cotidiana é tematizada e problematizada. Como bem assinalou Costa (2002), é importante que atores da sociedade civil participem na construção de esferas públicas locais, articulando demandas e garantindo uma maior dinamização da vida municipal, que será menos monopolizada pelas esferas parlamentar e midiática, bem como menos refém de práticas clientelistas.

Diante da erosão dos espaços comunicativos primários, diante da violência e da criminalização da pobreza, de uma indústria cultural eficiente em tragar e traduzir discursos e dinâmicas que não são propriamente suas, a tarefa de construir espaços, em que se possa articular outras visões e interpretações sobre a realidade, torna-se cada vez mais imperiosa, mas também complexa.

Vimos como a experiência das rádios comunitárias tem sido absorvida por grupos movidos por interesses particulares, que a utilizam para atingir seus fins. Além disso, as rádios se proliferaram pelo país e temos que nos perguntar em que condições o trabalho tem sido realizado. O dia-a-dia de uma rádio comunitária esbarra em dinâmicas políticas já cristalizadas, como clientelismo, e em uma cultura política autoritária, que tende a dificultar a participação de amplos setores da população, reduzindo a esfera pública. Transformar padrões e modelos de atuação cidadã requer esforço contínuo e atenção para os meandros da cultura política dominante.

O ciclo perverso criado pela situação de recursos urbanos precários, da forte presença política de famílias tradicionais, da baixa cultura associativa na Baixada exige constante atenção dessas rádios para não reproduzir as dinâmicas sociais que impedem a ampla participação nos debates públicos. Da mesma forma, não se pode perder de vista o fato de que as rádios estão inseridas num debate mais amplo do que aquele circunscrito por suas localidades, a saber, a democratização

das comunicações representada pelo movimento de rádios comunitárias. Faz-se necessário a manutenção da conexão com o movimento como forma de contato com outras rádios e a troca mútua de experiências. Mas é também em razão das múltiplas dificuldade e empecilhos que é preciso valorizar a atuação dessas rádios e dos atores e organizações que as utilizaram como mais um esforço para o desenvolvimento local.